

A Herança do Ensino e o 17 de Abril de 1969



Por: João Cabral
Professor do Departamento de Matemática
da Universidade dos Açores
jcabral@uac.pt

No dia 17 de Abril de 1969, faz hoje 45 anos, era inaugurado o novo edifício das Matemáticas, na Universidade de Coimbra. Um momento que ficou registado na história de Portugal como o princípio do fim da ditadura. Esta inauguração contou com a presença dos altos representantes do Estado Português, como o próprio Presidente da República, como era hábito neste tipo de eventos. Mas este dia havia de ser diferente, pois à espera da comitiva Presidencial estava uma multidão, constituída por estudantes e povo em geral, empunhando cartazes com palavras de ordem muito fortes para a época. Exigia-se a democratização do ensino, que este fosse melhor e universal, entre muitos mais apelos, bem visíveis no registo fotográfico que deu origem à “Exposição 17 de Abril”. Esta exposição, cujos autores eram membros da seção fotográfica da Associação Académica da Universidade de Coimbra, circulou pelo país em 1969, funcionando como um rastilho que iria incendiar muitas mentalidades pelo país fora. No final do seu périplo, a exposição foi entregue por Carlos Valente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que a conservou até aos dias de hoje. Neste dia, 17 de Abril, Portugal assistiu à maior revolta estudantil de que há memória, seguindo-se seis meses de luta, protestos, manifestações e boicotes, que levaram à demissão do Ministro da Educação, à mudança do reitor da Universidade de Coimbra, e a um progressivo chamamento de estudantes para servirem a pátria na guerra colonial.

Passados 45 anos será que existe uma democratização do ensino? Tomando por base aquilo que observo nos colegas professores das escolas secundárias, dos seus constantes reparos e contestações, cheios de razão, o que se assiste hoje em dia é uma total burocratização do ensino, de tal forma que prende, e limita, as ações educativas, deixando pouco espaço para que a dialética ensino-aprendizagem possa evoluir. Como parte integrante deste sistema, o ensino da Matemática não foge à regra, chegando-se a discutir, a plenos pulmões, a ineficiência do seu ensino.

Como sou professor de Matemática, licenciado pela Universidade dos Açores em Matemática (Ensino de), começo a questio-



nar-me se realmente existe esta ineficiência, e ao existir qual a sua origem. A resposta a esta minha dúvida implicaria um estudo profundo sobre qual das componentes do par ensino-aprendizagem estaria a falhar, e neste pequeno artigo seria de todo impossível escrever todo o conteúdo das hipóteses, das ferramentas de pesquisa usadas, do levantamento e simulações que permitiriam testar a validade das hipóteses, que me levariam a tirar as devidas conclusões. Por isso, vou usar um exemplo de um caso de vida, aquele que conheço melhor, o meu próprio, para mostrar o percurso de formação de um professor na área da Matemática. O leitor depois tirará as suas próprias conclusões. Sinto que será uma justa homenagem a todos os que contribuíram para a minha formação, pois fui ensinado pela geração que foi herdeira dos ideais deste 17 de Abril de 1969.

Começo por referenciar o livro de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, publicado pela editora UFSC em 2013, intitulado *Os Herdeiros: Os estudantes e a cultura*, em que destaco o parágrafo: “A escola transforma as desigualdades sociais (culturais) em desigualdades escolares. Os estudantes mais favorecidos, não só devem ao meio de origem os hábitos, o treino e as atitudes que lhes são mais úteis nas tarefas escolares, mas herdaram também saberes e um *savoir-faire*, gostos e um bom gosto, cuja rendibilidade escolar, embora indireta, não deixa de se verificar. Para alguns a cultura escolar é idêntica à cultura da família, enquanto que, para outros, representa uma aculturação.”

Vivi a minha infância na freguesia de Feteiras, filho de pais que fartavam-se de trabalhar no campo para poderem alimentar a sua família, cuja formação académica ficou-se pela 4ª classe antiga. Foi nas Feteiras que frequentei o ensino primário entre 1978 e 1982. Na escola primária tive a honra de ter sido aluno de uma professora com mui-

tos anos de carreira, a Dona Mariazinha, que logo reparou que em mim havia uma inclinação natural para a Matemática. Muitos eram os dias em que passava sentado num mesão, junto a uma janela da sala de aula, separado da turma principal, junto com um ou dois colegas, a resolver apenas exercícios de Matemática, de anos mais avançados, pois os problemas correntes já não constituíam nenhum desafio. Claro, que esse investimento teve os seus custos, pois desviava-me cada vez mais das outras ciências. Hoje em dia, o tratamento que tive seria visto como antipedagógico, mas provocou uma confiança enorme na minha pessoa, de tal forma que quando chegava a casa, após as aulas, uma das minhas brincadeiras preferidas era simular uma sala de aula em que eu era o professor de Matemática, e as vítimas – digo os alunos – eram os meus amigos, vizinhos, que ainda hoje se lembram destas brincadeiras, volvidos mais de 30 anos. Eu gostava de aprender, sentia-me apaixonado pela Matemática e pelo ensino. Após o ensino primário, frequentei a já há muito tempo defunta Tele-Escola, também nas Feteiras, onde as monitoras-professoras dedicavam mais de 80% do tempo letivo à Matemática. Sob a liderança da professora Zélia Travassos, a minha paixão pelo ensino e pela Matemática aumentava cada vez mais. A curiosidade pelo mundo que rodeava esta ciência crescia, assim como a vontade de pular para a Escola Secundária Antero de Quental, para aprender mais. Por curiosidade, o dia de Antero de Quental, famoso poeta açoriano, celebra-se no dia 18 de Abril, data do seu nascimento. Nesta escola encontrei um mundo diferente. Levei alguns anos a adaptar-me, que agora vejo, que nada mais era do que um processo de aculturação. Aos poucos e poucos ia construindo um grupo de amigos que discutia os trabalhos de casa, que debatía os problemas e tentava encontrar soluções para os

desafios, que cada professor implementava na sua disciplina. Atualmente, a maioria dos elementos deste grupo são também professores de Matemática, distribuídos pelas várias escolas da região. Gradualmente, iam-me confundindo como sendo um aluno pertencente a uma classe média, ou alta, pois só poderia ser tão bom aluno, como era de facto, se pertencesse já a uma destas classes. Tinha de ser um Herdeiro, pensavam os que estavam à minha volta, mas enganavam-se. Eu pertencia a uma classe baixa, trabalhadora, humilde, mas era conduzido por uma paixão, uma vontade, que ainda hoje me serve de farol. Pensei que realmente estava apaixonado pela Matemática, mas como vim a descobrir mais tarde, estava era apaixonado pela facilidade como conseguia transmitir conhecimentos. Ser professor já deixava de ser uma opção de vida, para passar a ser uma obrigação, o meu contributo para a sociedade. Na passagem pelo ensino secundário tive os meus heróis: a professora Teresa Garrão, pois mostrou-me a liberdade que o raciocínio matemático podia nos oferecer; a professora Leonor Frazão, pois mostrou-me o lado da investigação matemática; as professoras Fernanda Jerónimo e Gabriela Guedes, pois desenvolveram em mim uma paixão pela língua portuguesa e inglesa, com a mesma intensidade que acontecia com a Matemática. São ainda os meus heróis, estão vivos, e continuam ainda ligados ao ensino.

Hoje em dia, depois de já ter concluído uma licenciatura em Ensino, pela Universidade dos Açores, já depois de ter concluído um doutoramento em Matemática, também pela Universidade dos Açores, sinto que honrei todo o esforço de todos os meus professores, e tento dar continuidade a muito do seu trabalho, ensinando de uma forma livre e apaixonada esta ciência.

Como estamos em época de Páscoa, não posso deixar de mencionar que eu hoje sinto-me como sendo um herdeiro que recebeu uma herança acumulada de todos os sacrifícios e tribulações de uma geração que tentou mudar o rumo do ensino em Portugal e à qual tenho de prestar homenagem, possibilitando que o meu processo de aculturação não me destruísse a identidade. Não é apenas a mensagem religiosa, própria da altura, que devemos honrar, mas também todas as gerações de pais, professores, amigos e familiares, que de uma forma ou de outra tocaram as nossas vidas, de modo a que pudéssemos viver em liberdade. Foi o seu sacrifício, o seu empenho, a sua forma de ser, que possibilitou a nossa existência como indivíduos. Eles estão à nossa volta, e muitos continuam presentes na nossa memória. Assim, a minha partilha de Páscoa para todos eles, é o meu muito obrigado, eu sou aquilo que sou hoje graças a vós!

Desejo a todos os nossos leitores uma boa Páscoa!